

# Florestas e rios: *a encantaria amazônica*

Eva da Silva Alves

José Maiko Farias Amim

Auxiliadora dos Santos Pinto

Desenho/Ilustração:

**Bruno A. Cruz**



**educar**

Editora Universitária Católica de Rondônia





# Florestas e rios: *a encantaria amazônica*

Eva da Silva Alves

José Maiko Farias Amim

Auxiliadora dos Santos Pinto

Desenho/Ilustração:

**Bruno A. Cruz**

**EDUCAR**  
Porto Velho-RO  
2021

Copyright© Eva da Silva Alves, José Maiko Farias Amim e Auxiliadora dos Santos Pinto, 2021.

Desenho/Ilustração: Bruno A. Cruz

Projeto gráfico: Leila Mara de Souza Lima

Revisão: Bethânia Moreira da Silva

EDUCAR – Editora Universitária Católica de Rondônia

Endereço Rua Gonçalves Dias, 290 - Centro - CEP: 76801-132, Porto Velho – RO – Brasil.

Telefone: (69) 3211-4505. E-mail: educar@fcr.edu.br

Bibliotecária responsável: Julia Cristina A. Meinhardt Queiroz - CRB11ª 1027

### **A474f**

ALVES, Eva da Silva et al. Florestas e rios: a encantaria amazônica. -- 1. ed.-- Porto Velho - RO: EDUCAR, 2021.

44 p.

ISBN obra física: 978-65-86431-02-5.

ISBN e-book: 978-65-86431-03-2.

Disponível em: <http://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/>

1. Contos amazônicos. I. AMIM, José Maiko Farias. II. PINTO, Auxiliadora dos Santos. III. CRUZ, Bruno A.. IV. Título.

**CDD: 800**

### **Fomento**

Este Projeto recebeu apoio da Funcultural da Prefeitura do Município de Porto Velho, através do Edital de Chamada Pública de apoio ao Setor Cultural - Aluízio Batista Guedes N°006/2020, com Recursos Provenientes da Lei Aldir Blanc N.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO VELHO  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE PORTO VELHO - FUNCULTURAL



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



# Onde encontrar?

Apresentação.....	06
A criança encantada em cobra.....	07
A Mãe da Seringueira às margens do Rio Novo .....	27
Glossário.....	41
Sobre os autores.....	42

# Apresentação

As ideias centrais deste livro perpassam as identidades amazônicas, tendo como objetivo geral representar, de forma literária, a relação dos sujeitos com a floresta e os rios, a qual resulta na encantaria e no imaginário poetizante do sujeito amazônico, conforme propõe Loureiro (2014).

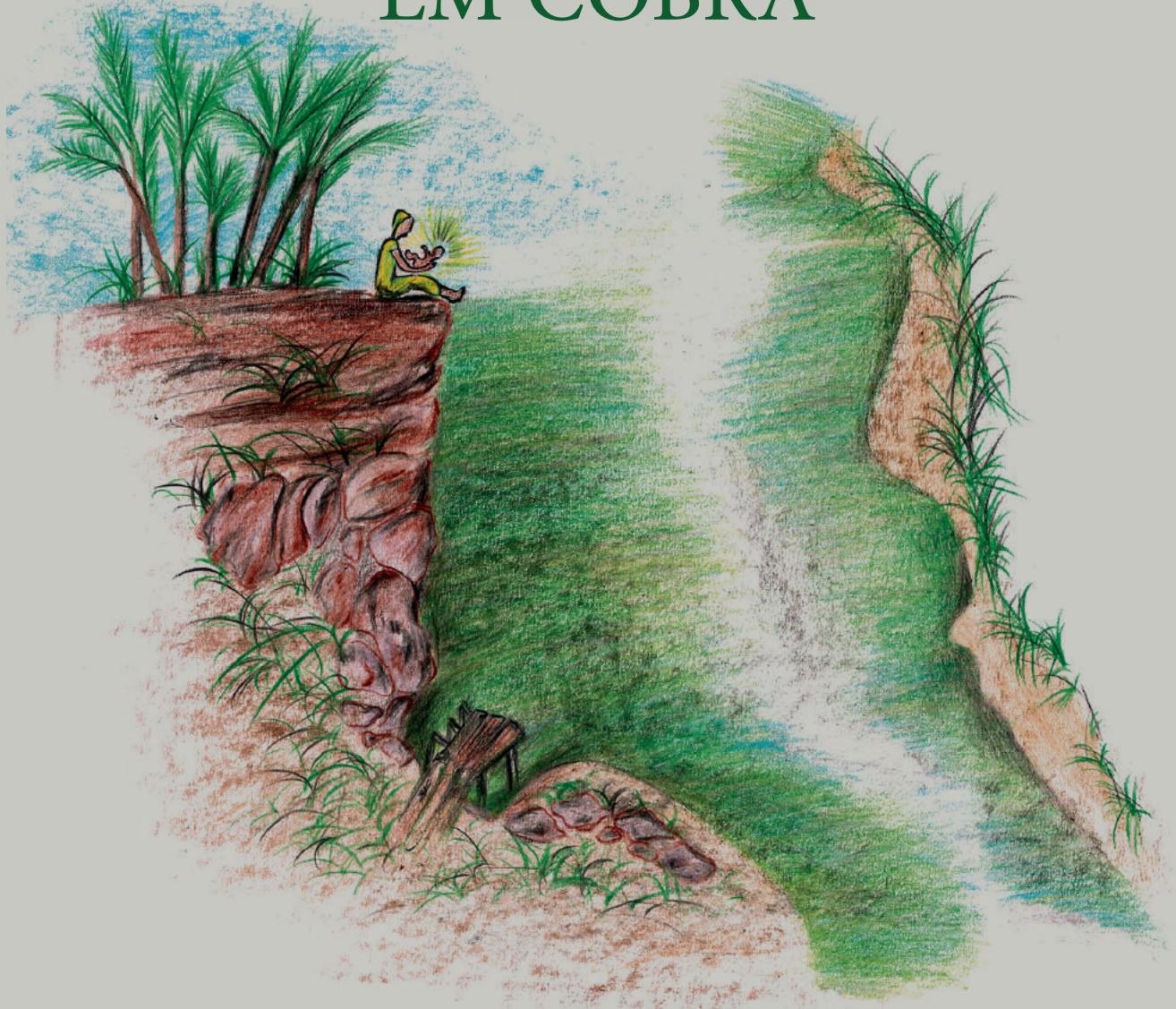
A obra é construída a partir do imaginário amazônico, que é representado por histórias de pessoas que viveram nos seringais, às margens dos rios, na majestosa floresta amazônica, povoada por mitos e lendas, encantados e encantamentos.

As histórias são contadas em linguagem multimodal, isso posto, justamente, para possibilitar que o livro seja lido, também, por aqueles que não tiveram acesso ao letramento. As ilustrações expressam elementos do *ethos* amazônico, simbolizados pela floresta, pelos rios, pelos seringais, pela serpente, pela noite, que instiga o imaginário, fazendo suscitar imagens do cotidiano presas ao inconsciente e outros.

Dessa forma, as imagens despertam o imaginário cultural, visto que estão repletas de paisagens e simbologias amazônicas. De acordo com Loureiro, “A paisagem é aquela parte da natureza recortada pelos nossos sentimentos, pelo nosso olhar e pela cultura. Tanto é, que nós nos emocionamos pela paisagem, ela faz parte de uma segunda alma nossa”.

No final, caro (a) leitor (a), você encontrará, ainda, um glossário.

# A CRIANÇA ENCANTADA EM COBRA





Em 1960, quando eu cheguei no Acre, eu falei:

- Mãe, eu vou na igreja!

- Vai minha filha.

Aí eu fui!



O padre mandou eu voltar:

- Vai vestir uma camisa com manga, menina!

Por isso eu não gosto muito de roupa sem manga, até hoje.

Aí eu voltei!



Eu falei:

- Mãe, o padre lá, aquele homem de saia, não me deixou entrar.

- Por que, filha?



- Porque eu estou com um vestido de alça!



Daí eu vesti outra roupa e fui para a igreja.



Lá tinha um homem contando que no lago Bataiva uma mulher ganhou neném e jogou *ele* na água e ele tinha se encantado numa cobra.



Até aquele momento, as pessoas não sabiam dessa história. O que eles sabiam é que tinha uma cobra que botava os seringueiros e pescadores pra correr.



Aí o padre Piligrino falou:

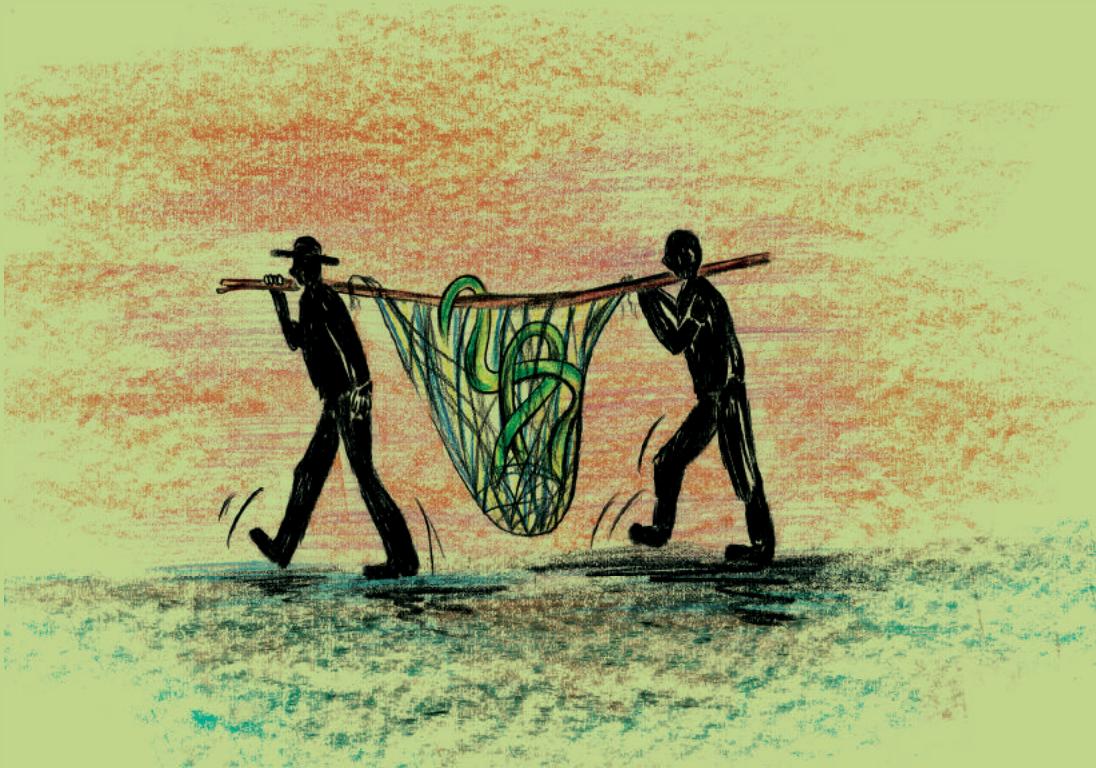
- Vocês vão pescar de tarrafa e podem laçar essa cobra e trazer pra mim.



Aí eles foram e lutaram, lutaram...



Laçaram a cobra.



Trouxeram a cobra e botaram num canto da igreja.



Quando o padre terminou a missa de noite, ele foi lá, jogou água benta e mandou tirar a tarrafa da cobra.



Ele deixou todo mundo sentado e disse:

- Não levanta ninguém, não levanta ninguém!

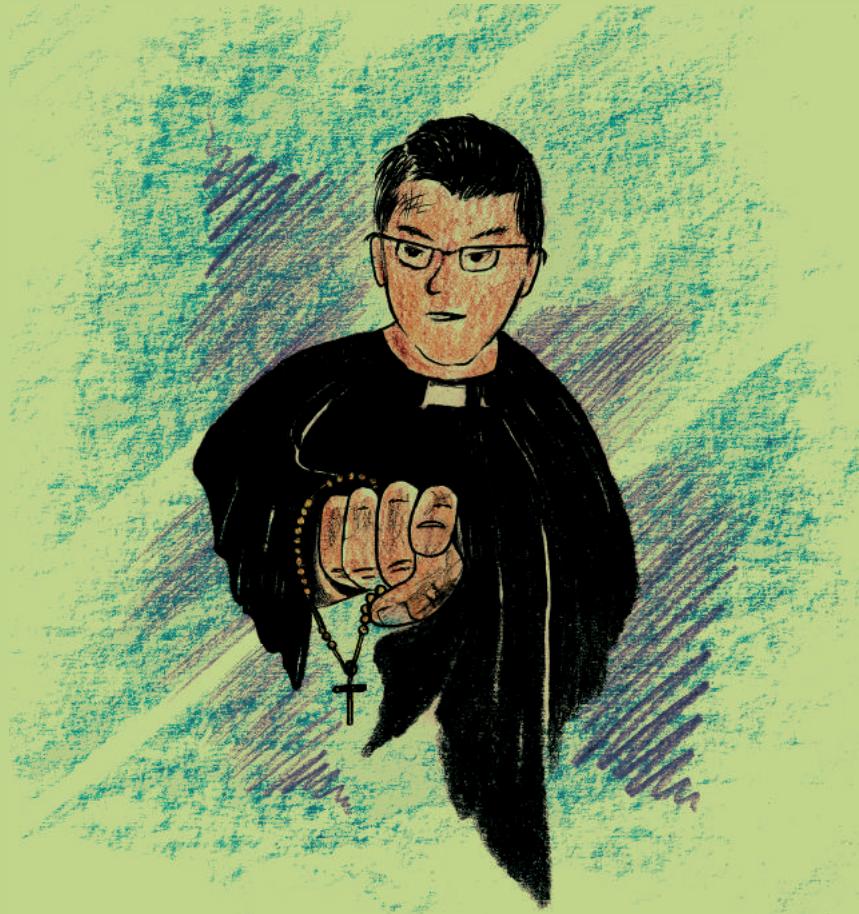
Depois falou:

- Naquela que a cobra quiser subir, é pra dar o peito!

Aí todo mundo ficou quieto. As mulheres tudo quietas.



Aí tinha uma dona lá que era moça incubada, aquela moçona. Quando a cobra veio chegando e quis subir nos pés dela, ela se espantou.



- Epa! Dê os peitos *pra* cobra! - gritou o padre.



- Dá o peito pra cobra! - mandou o padre.



- Não, não! - insistiu a moça.



Aí ela foi e espremeu o leite na boca da cobra.



Então ela *desvirou* e era uma criança.



Todo mundo saiu correndo!

Aí acabou a assombração lá do lago Bataiva.

- E a criança?

- Dizem que virou gente!

*A Mãe da Seringueira  
às margens do  
Rio Novo*



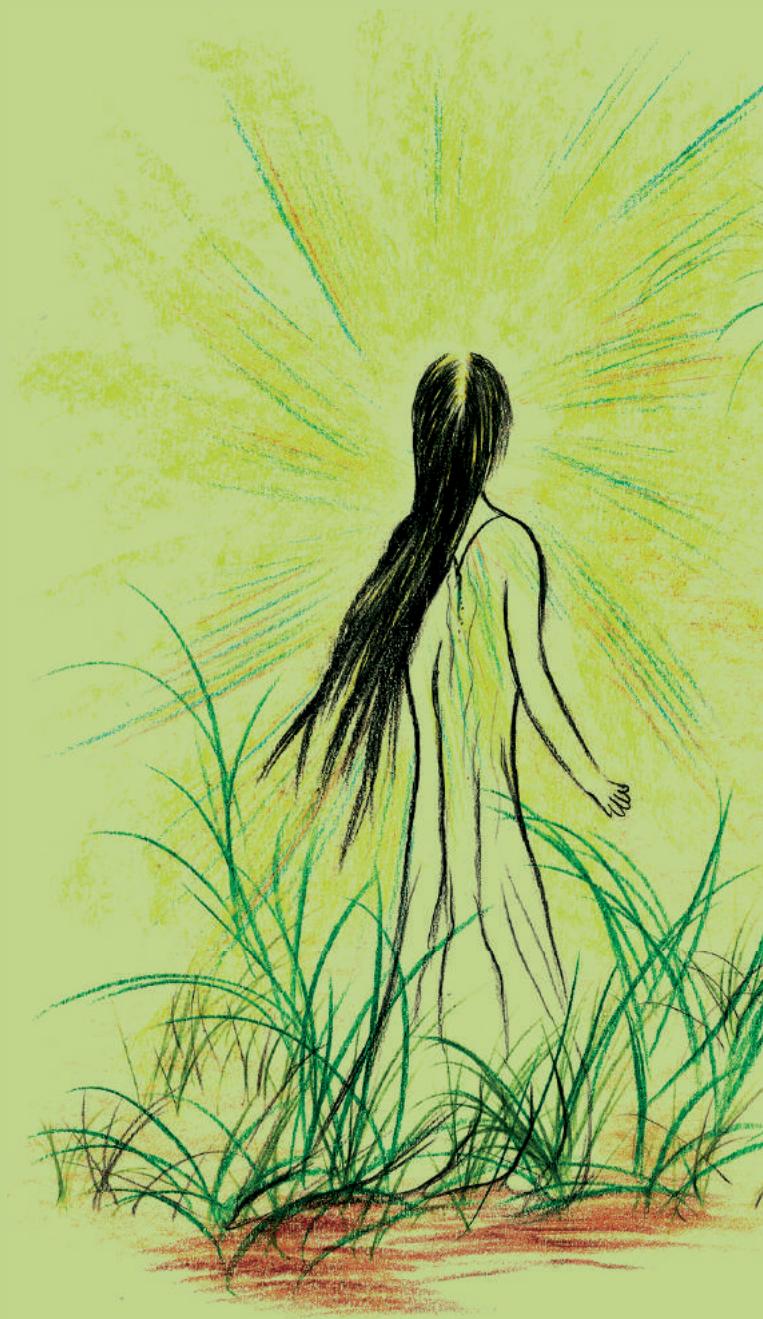


Eu tinha, mais ou menos, uns 15 anos e, na época, eu já vivia com o pai da minha filha. O sobrinho dele também estava com a gente. Isso aconteceu na metade do ano, porque o rio seca. A minha mãe e o marido dela estavam para Guajará-Mirim.

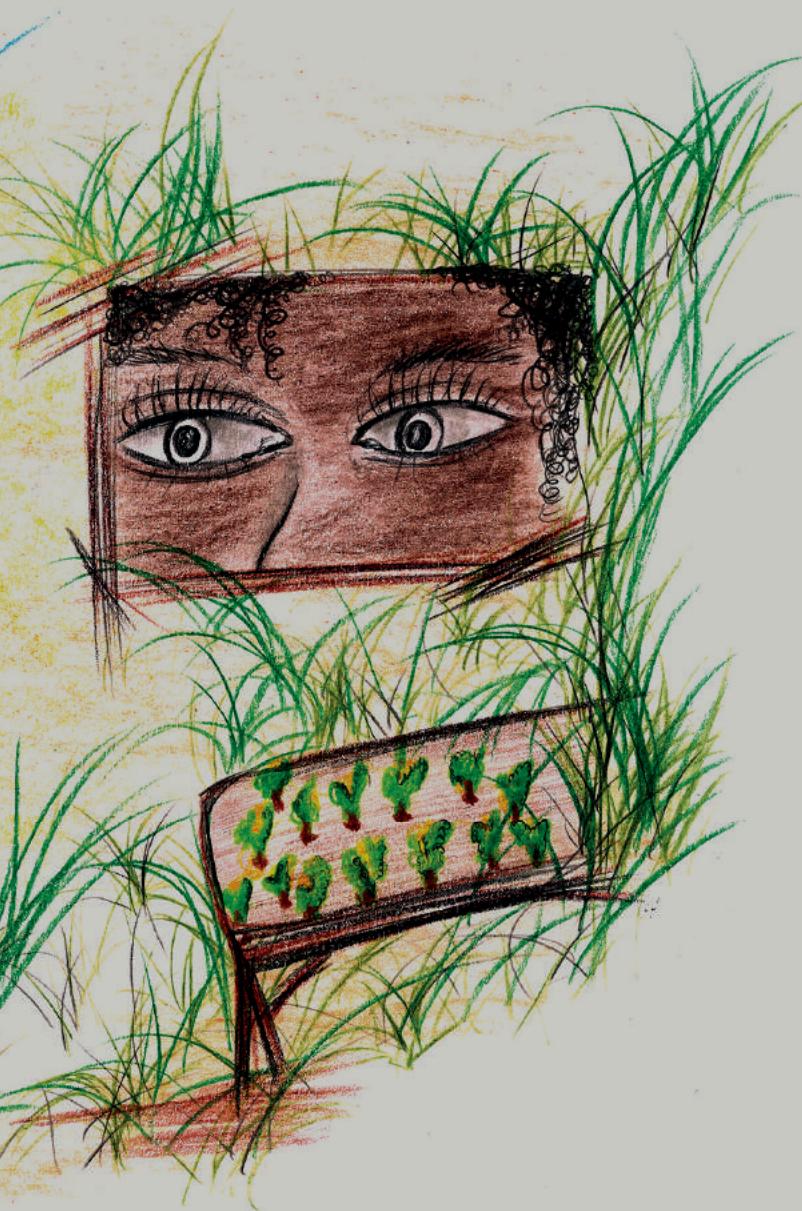


Certo dia, por volta das 9 horas, mais ou menos, nós saímos pra pescar, nós três. Onde a gente morava era assim: passava um canto, tudo limpo, tinha uma baixa que, quando alagava, aquilo criava água lá, e um pé de coqueiro. Nós descemos, o rapazinho desceu pra canoa, eu fiquei no barranco e o meu marido tava na casa ainda.

Quando eu olhei *pro* rumo dessa baixa, tinha uma mulher de costas, ela estava com uma bata branca e um cabelo muito brilhoso. Lembrei logo da Mãe da Seringueira.

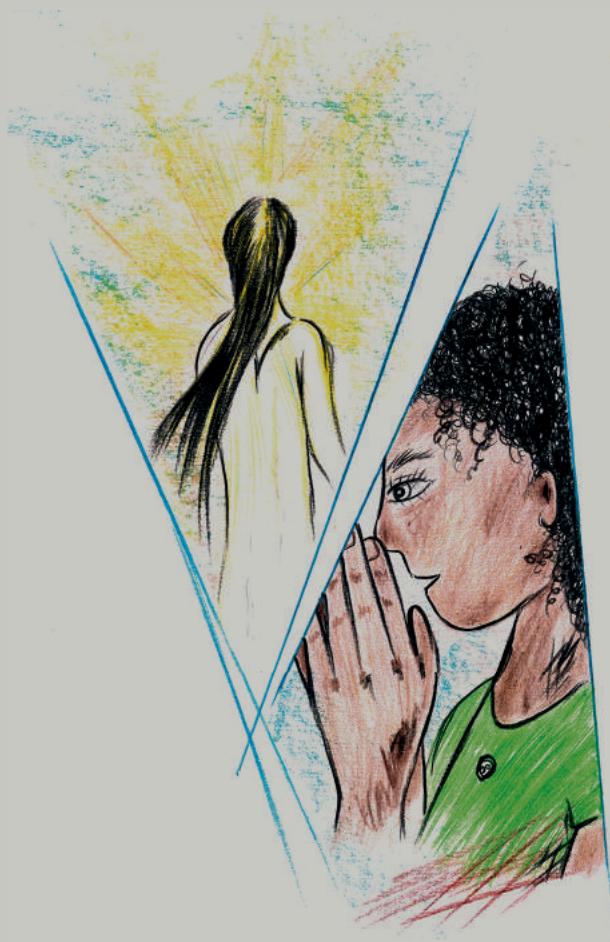


É interessante que ela ia olhar assim, virar o rosto. Mas eu tinha certeza de que não tinha ninguém ali, porque ali não vai ninguém, não tem vizinho. Só estava eu de mulher no local.





Aí eu fechei o olho, fechei o olho e comecei a rezar,  
comecei a rezar...



Quando eu abri o olho, ela tava lá de novo, aí eu fechei o olho de novo e fiquei rezando, rezando, rezando...



Até que meu marido chegou e pegou no meu ombro, e eu fiquei calada. Não contei nada *pra* ninguém!



No final da tarde eu contei pra eles, e o rapaz ficou brincando. Ele falou assim:  
- Ah! Se for uma visagem, então que ela venha dormir comigo!



Ele dormiu na sala. A casa tinha um corredorzinho, uma cozinha e meu quarto. O meu marido também ficou *rindo*.



No mato a gente dorme cedo, 6 horas tá escurecendo, todo mundo vai dormir.

Quando foi um pouquinho mais tarde, a gente estava dormindo, a gente escutou os gritos do rapaz. Ele estava assustado e queria dormir com a gente no quarto porque ele teve a impressão de que alguém estava na rede também. Mas eu recusei e disse: - Tu já é um homem! Está com medo de quê? O meu marido ficou rindo, ele não estava acreditando também.



Então voltamos a dormir, e quando eu pensei que não, ele começou a ter pesadelos, e falava:  
- Me solta, me solta, me solta!



Eu levantei da cama e fiquei só olhando ele ali tendo o pesadelo dele. Fiquei sem reação. Quando ele acordou disse que viu uma pessoa, que tinha uma pessoa enforcando ele.



Aí, no dia seguinte, um falou que sentiu uma pessoa na rede e o outro sentiu uma pessoa enforcando *ele*.  
Eu sei que eu vi, eu sei que não era loucura da minha cabeça.

## GLOSSÁRIO

**Assombração:** seres sobrenaturais que causam medo, pavor.

**Baixa:** área mais baixa que, na época da cheia, fica coberta pela água do rio.

**Bata:** vestimenta comprida, feita de tecido leve.

**Bataiva:** lago localizado na região acriana.

**Já vivia com o fulano:** União marital.

**Loureiro:** João de Jesus Paes Loureiro. Professor, poeta e escritor paraense.

**Moça incubada:** é aquela que dá os “pulos” e não quer dizer para os pais, se chama moça incubada. Manter relação sexual antes do casamento.

**No mato:** na zona rural.

**Quando eu pensei que não:** de repente.

**Rindo / sorrindo:** fazer troça, escarnecer, tratar o fato sem seriedade.

**Rio Novo:** rio localizado na Reserva Extrativista Barreiro das Antas, em Guajará-Mirim (RO).

**Rumo:** direção.

**Visagem:** fantasma ou assombração.

## Sobre os autores

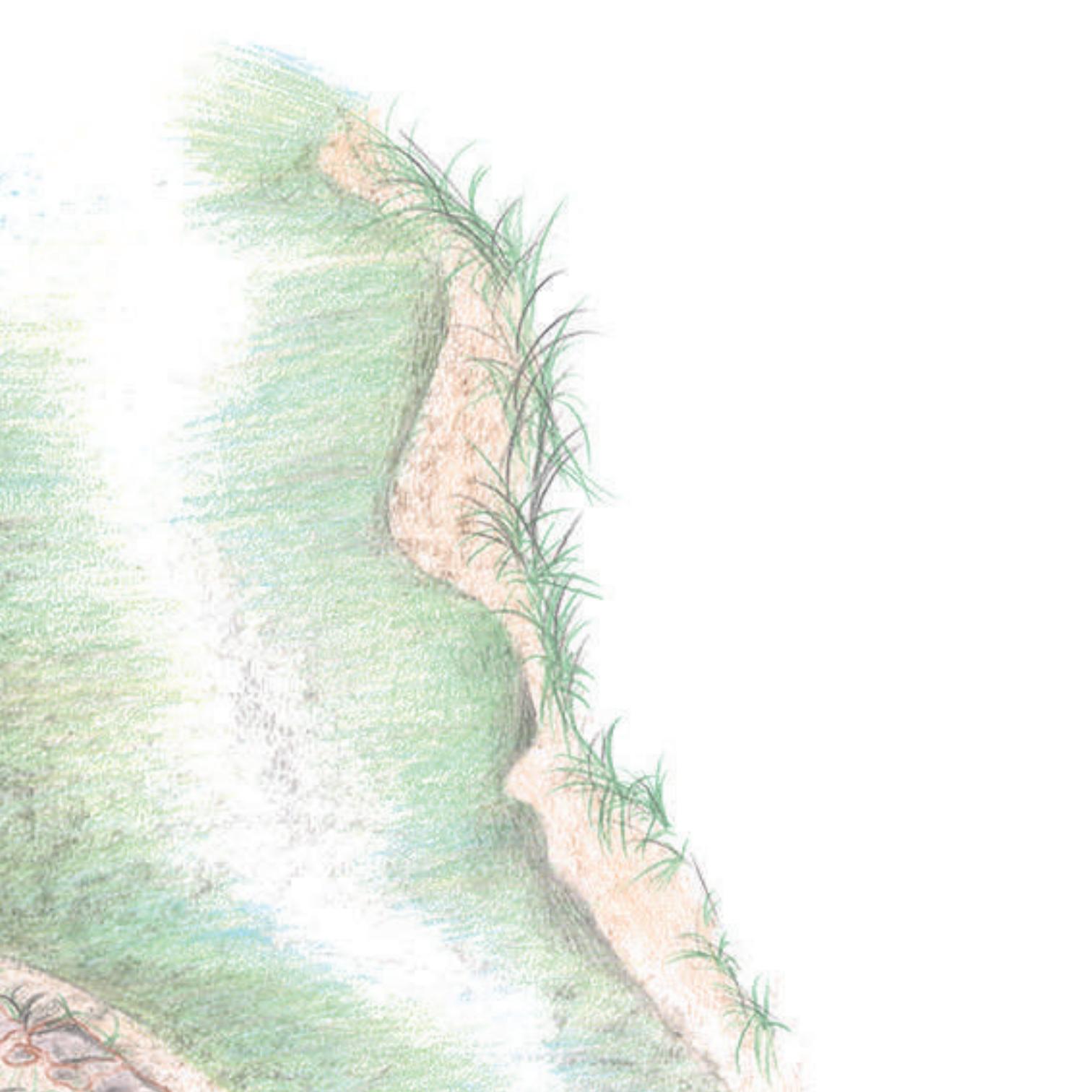
**Eva da Silva Alves** - Filha de Rondônia, criada nos seringais de Guajará-Mirim sob os resquícios do esplendor da seringueira. Formanda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Guajará-Mirim, com mestrado em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Porto Velho, e doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Tendo como objeto de seus estudos o sujeito amazônico em suas manifestações socioculturais, esta filha de seringueira pesquisa, divulga e engrandece aqueles bons e velhos elementos que formaram sua identidade, travando um verdadeiro combate nas trevas pela preservação e disseminação das culturalidades amazônicas.

**José Maiko Farias Amim** - Acriano da gema, formado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Amante de uma boa literatura, apaixonado pela Amazônia em todas as suas manifestações e 'militante' pela valorização e divulgação da identidade do Ser amazônico. Mais um humilde representante de uma região continentalmente diversificada em suas manifestações culturais, mas, contraditoriamente, silenciada e renegada, durante décadas, por grande parte da gente letrada do Brasil.

**Auxiliadora dos Santos Pinto** - Nascida na 1ª linha da Colônia Agrícola do IATA, às margens da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, em Guajará-Mirim. Décima filha de um casal de migrantes nordestinos, desde muito cedo conviveu com o riquíssimo universo da cultura popular nordestina e com as histórias de mitos e lendas amazônicas que povoavam o imaginário das populações rurais ribeirinhas. É graduada em Letras e Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Guajará-Mirim. É doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, pelo IBILCE/UNESP, no campus de São José do Rio Preto/SP, tendo como objeto de estudo Literatura de Expressão Regional Amazônica. Ao longo de sua vida acadêmica, dedicou-se aos estudos da história, da linguagem, da cultura, das migrações/imigrações e das identidades na/da Amazônia. Também se dedica aos estudos e pesquisas nos campos da Sociolinguística variacionista e da Semântica cultural.

### Desenho/Ilustração

**Bruno A. Cruz** - Formado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia (FCR), poeta parnasiano, pintor, ilustrador e pesquisador das manifestações socioculturais de nossa encantada região amazônica. Amante da poesia pela poesia, da pintura como representação e como fuga de um mundo dominado por uma vontade cega e anárquica, das filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, somente encontra a devida catarse existencial no ato da criação artística e no inebriante mergulho no profano mundo dos vinhos. Sujeito amazônico, nascido em Rondônia, retrato, à minha maneira, as belezas dos fenômenos naturais e sobrenaturais que permeiam a vida e o imaginário daqueles que, como eu, vivem no silencioso devaneio da contemplação artística da Amazônia.



# Quem nos contou essas histórias?

## *Maria Francisca da Silva*

Nascida em terras mato-grossenses, cedo tornou-se rondoniense de vivência e afeto, passou boa parte da vida de seringal em seringal. Mulher, negra, pobre e analfabeta, lutou para dar aos filhos a educação escolarizada que ela não teve, embora sempre almejasse um 'estudo', visto que, senso comum, somente os diplomados parecem produzir conhecimento. Cortou seringa, coletou castanha, quebrou pedra e presidiu associações. Aposentou-se como trabalhadora rural. Atualmente, aos 73 anos, conta e reconta suas histórias, orgulhosa, certa de que fez o melhor, nas condições que a vida lhe proporcionou, e buscando, ainda hoje, compreender a formação histórica e cultural da nossa vasta região amazônica.

## *Maria Grima da Silva Soares*

Seringueira de pai e mãe, cresceu no seringal Rio Novo, atualmente Reserva Extrativista Barreiro das Antas. Lá iniciou parte do Ensino Fundamental, até o fechamento da escola. Foi estudar na cidade, mas passava todo o período de recesso escolar no seringal. Já em Guajará-Mirim, cursou Letras/Português e Direito. Teve, durante toda infância e adolescência, uma relação direta com a floresta, vivenciando e reverenciando a atmosfera de encantaria que povoa o imaginário amazônico. Embora, hoje, formada e vivendo na cidade, conserva as raízes culturais que constituem sua identidade, evidenciando, em seus relatos, um discurso nostálgico, resultante do forçado deslocamento sociocultural imposto àqueles que não têm acesso à educação escolar nas comunidades rurais.